

§ Vinheta §

[Rangido dos trilhos]

[Pedro Vicente]

Pelas superfícies ou
subterrâneos das cidades,
em trens lotados ou não,
em viagens tranquilas ou não,
as pessoas viajam
levando suas vidas para onde
elas querem ou precisam ir.
Os trens diminuem distâncias
e tornam possíveis
caminhos antes
impossíveis.
Qual a relação entre
os trilhos urbanos
e o imaginário
da comunidade?
Como os trens e metrô
influenciam a cultura urbana?

§ Hip Hop §

§

§

Nos anos 80, a primeira linha
de metrô da cidade de São Paulo
ligou a periferia ao Centro
como nunca se tinha ligado,

possibilitando
o encontro das periferias
que está na raiz
do movimento cultural.
Sem esse encontro,
existiria uma história
do hip hop brasileiro?
§ Hip Hop §

[Ruídos urbanos]

[DJ Hum]

Em dezembro de 1979,
eu vim no Mapin.

Praça Ramos
de Azevedo...

Saí de

Ferraz de Vasconcelos

e aí encontrei meus tios
da Zona Norte no Centro,

e foi a primeira vez
que achei fantástico...

Assim, 14 anos...

era uma viagem, né?

Se locomovendo de uma
periferia tão distante
e vindo pra um grande
centro urbano.

Os prédios grandes,
as lojas...

E foi meu começo
com tudo, né?
O contato com esse
movimento urbano...
Eu saía de Ferraz
de Vasconcelos,
pegava o trem...

o trem, descia no Brás,
fazia baldeação pra Luz,
estação Luz,
e aí...

pegava e descia
aqui na São Bento,
trabalhava num escritório
de office boy,
perto aqui
da Líbero Badaró.

Eu curtia isso,
porque a gente fazia amizade.

O vidro do buzão
tem um grave legal,
então eu fazia umas batidas...

"Tum tum",
"tum tum".

Era o começo
do rap, né,
que a gente chamava

de "funk falado".

A gente reunia os amigos,

e batia no...

[Imitando bateria]

E era essa a ideia.

[Pedro Vicente]

O movimento da poesia falada
é um fenômeno contemporâneo
em várias capitais do mundo.

São saraus e disputas

chamados "slams"

que acontecem em boa parte

nos bairros periféricos,

o que leva os frequentadores

a inverterem a lógica

do Centro à periferia, pra

chegar a destinos como este.

Salve, salve, boa noite

a todos os presente.

Aqui é

o Slam da Guilhermina,

uma batalha de poesia

na última sexta feira do mês.

"Antes rap de protesto,

hoje texto la la land...

"O que era manifesto

Vira fala bumerangue

Ontem éramos heróis,

Matéria-prima bruta..."

[Continua recitando abafado

pelo ruído do trem]

[Pedro Vicente]

É a poesia que fomenta
a alma da cidade
facilitada pelos
trilhos urbanos
que ligam bairros
distantes diretamente.

§ Música suave §

[Rangido dos trilhos]

Os trilhos são
o modal urbano
com maior potencial
de transporte,
é menos poluente
e mais barato.

Por que motivo, ainda assim,
segue uma parte pequena
do transporte público
de muitas cidades?

[Ruídos urbanos]

[Ruídos urbanos]

[Voz feminina gravada]

Estação Granja Julieta.
Desembarque pelo lado
esquerdo do trem.

[Pedro Vicente]

E aí, cara?

Beleza? É um prazer.

Tudo bom? Prazer.

Vamos conversar?

Opa!

[Pedro Vicente]

A gente tá dando uma olhada

nos trilhos urbanos

de São Paulo, e querendo

entender, porque realmente

os trilhos urbanos parecem

que são a melhor opção

de transporte coletivo.

Então, por que é que

elas não são mais tão comuns?

Não tem tanto investimento,

por que que não é

o transporte urbano

coletivo predominante?

Nos últimos anos está havendo

um resgate dessa discussão,

porque por várias décadas

ela ficou enterrada

devido a essa ideia

modernista que se provou

errada recentemente

do ideal do carro.

[Narrador em inglês]

[Pedro Vicente]

Aqui no Brasil

teve um momento

que marca essa decisão

do poder público

de privilegiar

o modal rodoviário?

[Rafael]

No nível nacional, o mais

famoso é o governo JK,

que com o projeto

"50 anos em 5"

investiu pesado na indústria

automobilística nacional.

[Pedro Vicente]

Então JK é

o grande culpado?

Naquela época

não dá nem pra culpar...

Assim, embora tivesse

uma discussão naquela época,

era um ideal cultural,

social, econômico pro país

de investir nessa indústria.

A discussão era pequena,

a oposição era muito pequena.

[Narrador em inglês]

Além da pressão econômica,

eles produzem as propagandas.

Essa criação cultural de "olha como é chique você ter carro"!

As propagandas do carro

em alta velocidade, bonito...
Então, criam também,
pela propaganda,
essa questão cultural
que apoia esse movimento.
Não é que eles estão forçando
ou atropelando uma discussão.
Há na sociedade esse apoio a
essa cultura do carro também,
pela propaganda,
pela modernidade...
Até pela facilidade que o
carro produz individualmente.
Mas o que temos visto
é que na cidade,
na sociedade,
o impacto é muito ruim.
É que, hoje em dia,
por exemplo,
numa cidade
que já tá construída,
pra você construir
o metrô ou os trilhos,
você tem que desapropriar...
É muito mais trabalhoso.
E bem mais custoso.
Sim.
Ainda assim, você acha que
vale a pena, é importante?
Vale a pena. A gente
não deve se pautar

só num meio de transporte,
tem que ter opções.

O trilho, trem, metrô
é fundamental
porque, pela alta demanda
que ele atende,
ele vai ser o esqueleto,
a estrutura dessa rede
que está sendo
modificada.

Aí é um pouco
mais caro de fazer.

Depois preenchendo
com corredores de ônibus,
faixa exclusiva,
fazer uma rede de opções,
com opções até mais baratas,
com ônibus, às vezes...

Mas precisa ser enfrentada
estruturalmente essa lógica.

Mas você acha que isso tá
dentro dos planos de governo,
tem perspectiva,
isso vai rolar?

Assim, no Brasil e no mundo, como é que tá essa tendência?
Temos visto que até dentro do órgão de governo tem discussão.
Eles não são
órgãos homogêneos.
Tem pessoas mais acostumadas

com a discussão,
e pessoas menos
apropriadas à discussão.

A gente tem visto
nos órgãos uma discussão
até mais avançada
que na sociedade.

A sociedade ainda tá muito
no senso comum de que
o transporte é ruim
e o carro é bom e etc.

E isso acaba também
não acelerando o governo,
porque ele fica atendendo
o que a sociedade pede.

E também falta dinheiro,
pois é muito caro fazer isso.

E o estado brasileiro
também se construiu
baseado nesse modelo.

Então precisa de uma mudança
econômica no estado,
no governo...

É uma situação difícil,
mas a gente vê que
os órgãos técnicos,
do metrô, das secretarias
de transportes,
estaduais e municipais,
estão mais avançados

com a discussão,
que já tá acontecendo
até pelos quesitos que falei.
Não era o Prestes Maia
que dizia
que "governar é
construir estradas"?

Era ele que falava isso.
Acho que tinha que ter
um governante agora
com um slogan
mais visionário,
"governar é implantar trilhos".
Exatamente.
Há alguma perspectiva
da gente encontrar
um político desse?

[Rafael]

Os políticos que falam disso
acabam ficando mais embaixo
da discussão, os que focam
numa mudança mais efetiva.
É o que falei, a sociedade
não acompanha essa discussão.
E, pra ter uma
opinião social do Brasil,
as pessoas que utilizam
esses transportes,
elas não são as pessoas que

pautam a discussão política,

pelo menos

na época eleitoral.

O que pauta é uma

certa elite social

que se utiliza mais

ainda do carro...

E aqui houve uma

coisa que a gente nota

também no ativismo

nessa área:

as pessoas que mais precisam,

elas não estão articuladas,

não sabem os canais

de reclamação,

não brigam pela

melhoria do serviço,

e acabam não tendo voz,

porque a sociedade é muito

dominada pela voz daqueles

que são mais da elite,

que utilizam mais o carro.

§ Música suave §

A minha relação com

o metrô é de proximidade,

é, enfim... posso dizer

que é de amor e ódio.

Eu pego um trem,

eu pego o metrô,

e pra mim é uma coisa muito complicada em relação ao fluxo.

Pego o trolebus,

ônibus e um trem,
normalmente umas
5h30, esse horário.
E as pessoas estão
no fluxo tremendo.
Eu dependo de trem porque não tenho total independência
pra me sustentar, ter um
carro e me virar sozinha.
Mas é bom isso, pois consigo
ir de um lugar pra outro
em poucos segundos,
em minutos.
E essa conexão é legal
porque ela ajuda.
Acho que um dos principais
problemas é você ter
condição digna de chegar
no seu trabalho,
não chegar fedida,
não ter que ser lançada
pra dentro de um vagão.
Por exemplo, agora mesmo
tô dando um tempo
pra esperar baixar o volume
de pessoas pra eu poder
ir embora pra casa.
Se não tivesse o metrô,
eu seria uma pessoa
mais chata e teria um carro.
Ficaria solitário nesse mundo
caótico que é São Paulo.

§ Hip Hop §

[Pedro Vicente]

O primeiro metrô do mundo

surgiu em Londres,

Inglaterra, em 1863.

O segundo, foi em

Budapeste, em 1896.

O primeiro da América Latina

foi o de Buenos Aires, em 1913.

O metrô de Nova York,

aberto em 1904,

hoje tem o maior número

de estações, 468.

No Brasil, o maior metrô

é o de São Paulo.

Aberto em 1974,

é o mais lotado do mundo,

com cerca de

785 mil passageiros

no horário de pico.

8,6 por m², 1,6 pontos

acima do limite recomendado.

Cresce, em média,

1,91 km por ano,

e, nesse ritmo,

levará cerca de 260 anos

para se igualar

ao maior do mundo,

em Xangai,

aberto em 1993.

[Ruídos urbanos]

§ Hip Hop §

Hoje, a rede de trilhos

que transporta mais gente

em São Paulo é

realmente o metrô,

e, desde o começo,

isso significa boa sorte

pra quem tem alguma linha

de metrô no caminho.

Mesmo lotado, é um adianto

que pode ser decisivo

na vida de uma pessoa.

Como foi na vida do pessoal

do hip hop brasileiro,

nos anos 80, quando

o movimento nasceu

nos encontros que aconteciam

na arena da estação São Bento

da Linha Azul do

metrô de São Paulo.

"Fight the power"

§ Hip Hop §

[DJ Hum]

Primeiro começou no

Parque do Ibirapuera,

e depois criaram a ideia

de vim pra São Bento,
por causa do piso
e também pela praticidade
de se locomover.
Mas não foi tão fácil.

Teve muita resistência,
rejeição, isso...

No meio dos anos 80,
praticamente 85,
a gente vinha com
a fé e a coragem.

§ Hip Hop §

Cada um vinha
de um ponto de São Paulo.

Então...

quem vinha da

Zona Sul, ou Norte,

tinha facilidade porque já desembocava aqui no metrô.

Porque a gente falava

pra chegar no horário,

não que tinha

um horário rígido,

mas a gente gostava

de chegar às 14h,

porque não podia passar

das 18h, não podia nem ficar.

Sempre havia conflitos,

e conflitos e...

Porque era tudo muito novo,

até respeito e entendo

a direção do metrô
na época.
Os guardas que tinha,
porque era novo,
o rap era novo.
Ser DJ como profissão
era novo.
Tudo era já um movimento
de contracultura,
pra tentar evoluir
uma cena da sociedade.

Nós não tínhamos
noção disso, confesso.
A gente fazia por amor, por
vontade, talvez por rebeldia.

§ Hip Hop §

E aí a gente ficava
aqui nesse canto.

Tinha antigamente
aqui duas tomadas.

E a gente plugava ou o box,
ou, às vezes, o rádio
com o toca-disco
de madeirinha pros vinil.

E aí, começou a vim legal,
começamos a perceber...

"Cara, de onde você é?"

"Do Capão Redondo",

"Do Campo Limpo",

"Do Butantã".

"Sou da Penha",
"Sou do Lousânio Paulista",
"Sou de Mirim",
"Sou de Osasco",
"Peguei o trem ali e vim vê
uns cara que dança aqui
que tem uns Djs
que faz diferente".
"Peguei um buzão...",
"Saí do trampo e vim",
"Vim, peguei 3 buzão,
mas vale a pena".
"Vocês são os caras."
Eles nem sabiam
o que a gente fazia.
Nem nós sabíamos direito,
não tinha tanto nome, né?
E através disso foi trazendo
muito mais gente,
porque a mídia
começou a falar.
"A segurança do metrô proíbe
a arte de se manifestar".
"São Paulo não dá
espaço pra isso".
"A secretaria de Cultura
não permite isso".
Não tinha artistas de rua,
como te falei, era aquela...
Era o cara do saco,
o homem da cobra,

o mágico ali num canto,
o jogo de bolinha.
E, com a gente, esses espaços
começaram a se abrir mais,
e as pessoas foram
se encorajando
a participar disso.
§ Hip Hop §

Eu venho aqui, eu sinto
isso aqui como um estádio,

o estádio da nação
brasileira,
estádio da cultura
hip hop.
Sinto isso
como uma casa...

que acolheu...

alguns jovens que tinham
desejo de crescer
e ser alguém na vida
através da música e da arte.

Além de desejar que
se melhore as condições
e a quantidade dos trens onde
eles são tão necessários,
podemos investigar como

o transporte público
favorece os encontros
e os afetos.
Como as pessoas sentem
o deslocamento urbano.
Entre as 3 milhões
e 700 mil pessoas
que pegam o metrô por
dia só em São Paulo,
vamos conhecer
o olhar de uma pessoa.

Opa!

Olá! Tudo bom?

E aí, prazer!

Prazer! Mayara!

[Bip da porta fechando]

[Pedro Vicente]

Como é a sua relação
com os trilhos urbanos?

[Mayara]

Era uma relação
bem problemática
num primeiro momento, porque
eu era pré-adolescente,
e pegava sempre
em horários de pico,
ia sozinha,
voltava sozinha,
meus pais tavam sempre muito

aflitos exatamente por isso.
Houve uma melhora, sim, mas
sempre é um lugar inseguro.
Sempre achei os trilhos,
os transportes públicos
de São Paulo
inseguros no geral.
Ou apenas seguros
para quem interessa.
Mas hoje eu brinco que
eu pré determino muito
onde eu vou morar,
se é perto ou não do metrô,
porque é essencial
pra qualquer pessoa
que pretende se locomover
sem carro.

Mesmo com
a superlotação,
a gente já tá num horário
bem distante do rush
e ainda tá cheio.

Você não pega
o trânsito do ônibus.
Então, é uma relação
de amor e ódio.

"Amor e ódio", é a segunda vez
que a gente escuta isso hoje.

Acho que o metrô e os trens
são lugares de encontro, né?

E lugares de observação.

Você realmente tem uma
interação com as pessoas.

E isso é inspirador,

de certa maneira,

se você tiver aberto

pra isso, sabe?

Você falou uma coisa certa:

se você tiver aberto.

A maior parte das pessoas

anda na rotina dela,

completamente fechada

ao que tá acontecendo.

Se não fosse assim, o pessoal

não ia digitar a 2 por hora

no meio da transferência

da linha amarela às 18h.

Ferrando o trânsito

de pessoas,

acabando com

o fluxo de gente.

[Pedro Vicente]

No caminho a gente

parou pra ver uma arte

que tem aqui na Sé.

Tem tudo a ver.

O muralzinho lá em cima?

Muralzinho... Muralzão!

Muralzão de leve.

Vamos lá.

[Mayara]

É muito estranho isso,

revolta a gente.

[Pedro Vicente]

Onde é esse mural?

Ih, não, não vai dar.

Tem que ser pra lá.

Aqui não vai dar acesso.

Tem um trilho...

no meio do caminho.

Tinha um trilho. Tinha um

trilho no meio do caminho.

Na verdade, eu tava pensando

nas correlações possíveis

que a gente pode traçar

desse mural com a própria

arte do grafite.

Eu não vejo por que em alguns

lugares isso é exaltado,

e em outros lugares

isso é apagado.

Eu gosto muito

desse mural.

Acho ele bastante

significativo!

[Pedro Vicente]

É, ele é meio tétrico, né?

Ele é uma arte denúncia

mesmo, né?

É violento, né?

É opressivo. É até estranho

que ele tenha sido aceito

na época que foi,

que ainda era a ditadura.

[Mayara]

É um timeline

de opressão histórica.

E eu acho que o

militarismo fica só nítido

nesse pequeno momento aqui

de maneira bastante singela.

[Pedro Vicente]

Total.

É...

A gente pode até questionar o

quanto isso causa de reflexão

nas pessoas, se as

pessoas realmente...

Será que elas
param pra olhar?
Eu paro desde sempre.
Quando tenho um tempo
que não tô correndo,
eu olho.

[Pedro Vicente]

O que acho legal da arte
é que toca o inconsciente.
Às vezes a pessoa
nem presta atenção,
mas a imagem entra, sabe?

Essa que é
a poesia do lance.

E você acha que ele diz algo
sobre nosso momento agora?

[Mayara]

Agora? Eu acho que ele conta
um ciclo vicioso de história.
O mesmo momento é...
O nosso momento é só
uma repaginação
da mesma história
que é contada
desde sempre.
"Da Zona Norte
à zona morta
"Cada paulista

é a horta
"E expulsa,
pulsa, pulsa, só
"Sorte forte que comporte
a repulsa que re... pulsa
"E expulsa, pulsa
pulsa... São... Paulo
"Segue seco
"São Paulo seca
em cada beco
"São Paulo, som e eco
São Paulo sua
"A cada ecossistema
destruído
"São Paulo,
sinto no umbigo
"Segurando o podre ar
que respiramos
Ceifando cada árvore
que plantamos."

Queria saber como esses slams
acontecem na periferia,
se existe intenção
que eles aconteçam
perto das estações
de metrô e de trem...
Acho que eles acontecem
independente.
Um dos principais focos
das batalhas de poesia

é levar o pensamento
crítico pra quebrada.

Não interessa se
a gente vai caminhar,
quem realmente gosta
vai, independente.

[Homem]

Não duvide da fé porque
Guilhermina é... esperança.

[Homens juntos]

Somos o bando do lampião!

E o nosso cangaço...

É Cangaíba nosso pedaço.

Ermelino Matarazzo!

Da Guilhermina à São Bento!

É só questão de tempo.

O slam da Guilhermina

começou em 2012,

com o propósito de fomentar

a poesia oral na Zona Leste.

Hipocrisia é esse seu racismo

velado que agora fala

que os negros querem

superioridade,

usa isso pra continuar

espalhando maldade.

O maior mistério

é esse privilégio

que falam

que agora temos.

Só se ele for daí,

porque daqui não tá tendo.

[Emerson]

Esse aqui é um lugar

de passar, as pessoas vêm,

passam aqui

pra pegar lotação.

Então, é mais fácil pros

poetas que vão participar,

como pro público que não iria

num lugar fechado com poesia.

Então, antes de pegar

a lotação,

ela para aqui

e escuta poesia.

[Homem]

Ocupo um espaço público

assim como esse!

Essa é uma ocupação,

tamos aqui há 5 anos.

Fazemos a Guilhermina,

nessa praça pública.

E é o seguinte, próxima

poeta: Mayara Vaz!

[Aplausos]

"A tal da inspiração

"Sentia o cheiro puído

daquilo que apodreceria

"Hoje me fiz a leoa

que me pedia

"E na barbárie das lutas
achei meu ponto focal
"Já no fim da noite
compreendi afinal
"Pra cada um que derrotei
do ventre veio um igual
"Em cada um que degolei
tinha um pouco do meu sangue
"Por isso doía tanto
"Pois já não havia encanto
que permite o perdão
"Perdoa cada filho
mas a mim mesma, não
"E se um leão no dia
não me foi suficiente
É que em mim
já não há unidade..."

[Pedro Vicente]

Os caminhos da cidade são
de cada um, e são de todos.
Cada olhar, cada degrau,
cada corrimão,
traz gravada a história
de todo mundo que passa.
Todo mundo converge
no mesmo tempo e espaço,
cada um no seu tempo,
o contato é iminente.

§ Hip Hop §

§

§

§

§

§